

pai adorava a Globo. Não se enxergava fora de lá. Por isso, nos pediu para jogar as cinzas dele em Maranguape, cidade onde nasceu, e no Projac [o centro de produção da emissora carioca].

O conservadorismo do Chico se manifestava também na seara das artes? Pô, a entrevista é sobre mim ou sobre meu pai? [Risos.]

Difícil falar de você sem falar dele, não? Tudo bem, vamos lá... Eu, na adolescência, colocava umas bandas de rock para tocar e meu pai protestava: “Que porra você está ouvindo? Música é Cartola!” Ele tampouco se interessava por pinturas modernas demais, que rompem excessivamente com o figurativo. Desconfio, inclusive, que não apreciava o Cinema Novo. Em compensação, revolucionou os programas de humor e se manteve no auge durante um bom tempo. Só começou a perder a coroa entre o fim dos anos 80 e o início dos 90. Foi quando ocorreu uma troca de guarda no jornalismo e os críticos passaram a atacá-lo. Desciam a porrada mesmo! Inúmeras vezes, escutei-o dizer um troço sensacional: “Ficaram décadas me chamando de gênio e eu tive a genialidade de não acreditar. Agora que me chamam de idiota, não cometerei a idiotice de acreditar”.

Os jornalistas o provocavam e ele comprava as brigas. Comprava! Discutia, criava polêmicas e tal. Até porque os artistas daquela geração não se preocupavam em contratar assessores de imprensa. Tocava o telefone de casa. “Seu Francisco, a *Folha de S. Paulo* quer entrevistá-lo (os empregados o tratavam por ‘Seu Francisco’)”. Ele pegava o aparelho, e o repórter: “O que você pensa de fulano?” Caso meu pai estivesse de ovo virado, respondia: “Fulano é um babaca!” Sem filtro nenhum! Na lata! Eu pedia: “Não atende mais o telefone”. E o Seu Francisco: “Se o telefone toca na minha casa, não vou atender? Claro que vou!”

Li que você se formou em jornalismo.

Sim, me formei. Como escrevia profissionalmente quando concluí o ensino médio, acabei escolhendo uma faculdade que se relacionasse com o universo da comunicação. Além do mais, sempre tive vontade de ser cronista. Sonhava em ir até o Antonio’s [mítico bar do Rio] para encontrar o Nelson Rodrigues e tomar um uísque por lá, escutando as frases geniais do cara. Desde moleque, admiro jornalistas que se colocam na primeira pessoa, que opinam. Houve uma época em que desejei participar do *Manhattan Connection*, o programa da GloboNews. Queria dar as minhas opiniões naquela bancada.

Você já trabalhou em redação? Nunca, mas é um lugar que me atrai.

“SONHAVA EM TOMAR
UM UÍSQE COM
O NELSON RODRIGUES,
ESCUTANDO
AS FRASES
GENIAIS DELE”

O que você acha da mídia que se dedica exclusivamente à cobertura dos famosos? Tenho um problema sério com sites de fofoca. Fui vítima de muitos deles, sobretudo entre 2009 e 2012, período em que meu casamento terminou e retomei mais intensamente os hábitos de solteiro. Inventavam uma porção de bobagens sobre mim.

Que tipo de bobagens? Plantaram, por exemplo, que a [atriz] Aninha Lima andava de namoro comigo.

A ex do rapper Gabriel o Pensador? Ela própria. Somos amigos. Aliás, também sou amigo do Gabriel – uma amizade que já existia na época em que os dois

estavam casados. Quando me separei, costumava sair com a Aninha para ver peças, ir a shows ou simplesmente jantar. Pronto: os sites juravam que havia um affair entre nós. Uma relação secreta! Escreviam besteiras do gênero: “Bruno e Aninha fizeram questão de despistar que chegaram juntos à balada”. Outras vezes, apesar de não inventarem nada, me colocavam em situações desagradáveis.

Relembre um caso. Em 2012, me fotografaram num bar com uma arquiteta. Enquanto bebíamos, trocamos uns beijinhos. Normal, coisa de boteco. Acontece que, duas ou três semanas antes, eu desmanchava um namoro relativamente longo. E a ex, claro, ainda não estava pronta para me ver com alguém. Assim que um site divulgou as cenas do beijo, a coitada tomou conhecimento e se sentiu péssima. Provavelmente, a arquiteta também não deu pulos de alegria. Imagine: a menina, durante um almoço familiar, precisando explicar por que virou notícia num site de fofocas. Mesmo em relação à minha atual namorada, rolaram uns embaraços. Ela trabalha atrás das câmeras e detesta aparecer. Quando ficamos pela primeira vez, um paparazzo nos flagrou às 4 da madrugada, comendo um sanduíche. Justo na primeira vez, meu irmão! Ela poderia ter desistido de mim. “Opa, tô fora! Não quero me expor desse jeito.” Numa ocasião anterior, me fotografaram logo de manhã, saindo de um café com uma ex-namorada. Cedo à beça, e o fotógrafo clique, clique, clique. Sei que não devia, mas perdi a paciência. Mostrei-lhe o dedo. A foto chegou às redações, e os sites mais venenosos tocaram o terror: “O Bruno é arrogante e o cacete”. Arrogante? Eu? Definitivamente, não! A partir daí, o negócio só piorou. Insistiram na pilha de me associar à imagem de folgado, de playboy: “Bruno Mazzeo dá carteirada para entrar em festa”; “Bruno Mazzeo não tem humildade”. Sem contar os comentários dos leitores: “Veadinho, barraqueiro, filhinho de papai!” E tudo com base em meras suposições.